

PORECATU

"Mesmo que só ficassemos com mil alqueires, seríamos sempre a grande Porecatu do Norte do Paraná!" Assim um dos 18 oradores desse banquete exprime, diante do governador do Estado, a sua mágoa pela recente divisão do município. Mas esse orgulho municipal não data, afinal de contas, de muito longe: em 1942 isto aqui ainda era tudo floresta, e foi em 1947, que se criou este município, desmembrando o de Sertãoópolis. Quatro anos depois é Porecatu que se subdivide; os oradores se lamentam de tal maneira que isto menos parece um banquete em homenagem ao sr. Bento Munhoz da Rocha que um "meeting" de protesto.

O governador põe afinal, a coisa nos devidos termos: essa divisão é um dos escandalosos sinais de progresso da terra, é uma fatalidade.

Dos quinze mil alqueires que restam a Porecatu, 1.500 estão plantados de cana, para alimentar a usina do sr. Ricardo Lunardelli.

Certamente ele não teria feito isso se tivesse adivinhado a alta do café, mas teve a sorte de guardar terra suficiente para abrir mais de milhão de covas de caféeiros. Essa bela e imensa casa nova, com vários apartamentos para visitas e uma piscina ao lado parece indicar que ele não está propriamente perdendo dinheiro. Agora, ao cortar a cana, ele manda destocar o terreno para poder mecanizar a lavoura; com irrigação e adubação passará a produzir muito mais e com mais regularidade.

Os mais ricos lavradores paulistas que emigraram para o Paraná estão evitando reproduzir aqui os erros da lavoura cafeeira paulista. Eles aprenderam que é bom negócio adubar o cafezal e protegê-lo contra a erosão. Para ajudar os novos cafeicultores a fazer o mesmo o governo instalará, este mês, uma série de Casas Rurais. A marcha gloriosa e insensata dos batalhões verdes, em busca de terras novas, deve parar: estas aqui, do setentrão paranaense, são as últimas do Brasil a poder produzir o café com um alto rendimento. A um Paraná que sempre viveu de mate e madeira o sr. Bento Munhoz da Rocha não se cansa de repetir que é preciso ter a consciência de que o Estado está vivendo o seu ciclo do café.

O campo de aviação em que hoje descemos é cercado de cafezais.

Assim também é o de Londrina, onde o impressionante movimento dos aviões de linha e dos inumeráveis monomotores que fazem o taxi-aéreo estão exigindo, com urgência, uma torre de comando. Aqui fique este apelo ao Ministério da Aeronáutica: é um apelo para evitar muitos desastres e mortes. Deixamos para amanhã a história de opulência e de sangue das terras de Porecatu.

24. 1. 52

R. B

(2 rep. Paraná)